

Essência e Personalidade

Nós podemos tentar definir parte do trabalho das Escolas como a tentativa de conduzir o Ser Humano ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Mas estas são as potencialidades da própria Essência que, através do Homem e da consciência que é capaz de projetar, pode conhecer a si própria e a Presença do Absoluto, que através dela se manifesta.

A Essência é o próprio Ser indiferenciado e Uno do Absoluto, substrato e matriz de toda Criação, mas ainda assim pré-existente. Seus modos de expressão estão relacionados com aquilo que chamamos de Presença, o poder criativo da Vontade do Absoluto que confere forma a indiferenciação de sua própria Essência.

A maioria das tradições desencoraja a meditação em relação à Essência, por reconhecer que ela está além de qualidades, tempo e espaço. Mas nós necessitamos, para uma melhor compreensão de nossa trajetória, de algumas definições instrumentais. Assim, podemos tentar definir a Essência como um campo informacional, contendo todas as potencialidades, existentes ou não existentes, possíveis ou não. Mas aqui a informação não pode ser entendida como uma idéia, um dado, mas como energia, total, indiferenciada e indivisível. Portanto, ela necessita de algo que lhe dê forma, que organize este infinito absoluto de possibilidades em existência, caso contrário só existiria caos. A Criação em suas diversas manifestações, das mais densas e materiais, às mais sutis e transcendentais, são expressões das diversas organizações desta energia, deste campo de informações, moldadas por outra força, outra presença, outro campo. Este outro campo que confere forma à indiferenciação da Essência, atualizando um conjunto de informações do infinito das possibilidades, chamamos de Campo Morfogenético¹.

Temos aqui a manifestação das três forças primordiais. A passiva, na forma da Essência, o substrato contendo todas as informações e energias, o próprio Ser do Absoluto, Uno, indiferenciado. A força ativa, na forma do Campo Morfogenético, como a Presença da Vontade que age sobre a Essência, dando a ela uma expressão específica, portanto, conferindo forma e existência. E, por fim, temos a força neutralizadora na manifestação dos fenômenos e na própria existência. Assim, podemos contemplar estas três forças na Criação inteira e em cada aspecto, por menor que seja.

Este mesmo processo de indiferenciação da Essência, que visa um modo de expressão ou um modo de ser, ocorre também no Homem. Ao nascer, antes de formar uma identidade, o homem está completamente imerso numa experiência oceânica e universal incapaz de sentir a si mesmo, de sentir uma diferença entre ele e tudo que o cerca e envolve. Em outras palavras, está imerso na própria experiência essencial. Assim como no processo que descrevemos acima, necessitamos de um modo de ser que nos diferencie desta totalidade, e isto ocorre quando tomamos consciência de nós mesmos ainda na infância. Nesta fase nossa sensação de ser é muito tênue, mas ainda assim é a primeira expressão da Essência em nós, um modo dela sentir-se através de nós como um potencial de consciência, consciência de si própria.

¹ Rupert Sheldrake

Mas se por um lado, a potencialidade da expressão da Essência é a totalidade do próprio ser do Absoluto, em nosso crescimento e aprendizado vamos cristalizando ao redor de nossa identidade, uma série de elementos, valores e comportamentos externos a esta estrutura primordial. Estes elementos acabam por formar uma outra estrutura com a qual nos identificamos à medida que nos afastamos da sensação da própria Essência, e o que deveria ser um modo dela expressar-se, se torna um bloqueio para seu desenvolvimento. E, à medida que esta nova estrutura segue com seu aprendizado e condicionamentos, a consciência que deveríamos realizar, vai adormecendo enquanto seguimos com nosso automatismo repetindo os elementos aprendidos. Identificados com esta estrutura, aprisionamos a Essência e, portanto, nosso próprio ser, à eterna repetição de valores aprendidos que são incapazes de nos recordar o propósito e a responsabilidade de expressão da nossa Essência, através da realização da consciência. Esta estrutura que se forma em nosso crescimento é chamada de personalidade e a identificação de nossa identidade, de nossa sensação de ser com estes elementos, chamamos de Ego, que se separa da Essência e vive para justificar os elementos da personalidade. A partir deste ponto é o Ego que nos trará a forma de sentirmos a nós mesmos e a perspectiva com que contemplaremos a vida, desvinculados dos elementos e potências Essenciais.

Mas vamos tentar vislumbrar os campos morfogenéticos neste processo. Por mais artificial que seja esta estrutura, a personalidade também é um Campo Morfogenético, pois confere uma forma, um modo da Essência diferenciar-se. Mas, uma vez formada, ela limita sua expressão, obstrui seu crescimento e torna o desenvolvimento da consciência um processo desnecessário. Mas, lembrando do processo da Criação, percebemos que cada expressão é um Campo Morfogenético, que parte do maior e mais abrangente, que é a forma de toda a Criação, até o menor e mais específico. E cada campo contém um conjunto específico de informações para a organização e manifestação da Essência, e estas expressões vão desde a matéria como a conhecemos, até os níveis mais sutis e transcendentais da Presença expressando-se através da Essência. Cada campo, portanto, é o que em algumas escolas chamamos de Inteligência, ou Logos, que é o significado, a presença da Vontade e do próprio conhecimento divino organizado de uma forma única em cada instante e em cada manifestação da Criação.

Cada Escola expressou sua cosmologia de um modo específico, mas todas contêm estes mesmos conceitos e se apóiam neles para construir sua trajetória de retorno. Temos o mundo das Idéias, os números e os sólidos platônicos da escola de Atenas influenciada pelos Pitagóricos. Temos as esferas celestes e as Inteligências da escola Iluminacionista de Suhrawardi, que entre outros, foi influenciada pela angeologia Zoroastra e o Neoplatonismo, que também influenciaram, além do Islão, o Cristianismo e o próprio Judaísmo. Neste caso, a própria angeologia é uma cosmologia, onde cada Anjo, Arcanjo ou Querubim representa as Inteligências e os Campos Morfogenéticos, e as hierarquias representam cada uma das dimensões. Assim como na Cabala encontramos a Árvore da Vida e os *Sefirot*, no Quarto Caminho encontramos o Raio de Criação e cada um dos mundos. Dentro de algumas Escolas encontramos ainda o modelo das Almas, que descreve o processo criativo e a trajetória de retorno em dimensões e níveis que representam as diferentes expressões da Essência, que se diferencia de acordo com sua proximidade à Presença Divina. Este modelo, em sua perspectiva ascendente, ou de retorno, parte da Alma Mineral, que representa a expressão mais densa da Essência, como a própria matéria em seu

aspecto energético, atômico e quântico, indo até a Alma Unitiva que é a totalidade da expressão e das potencialidades da Essência e da Presença do Absoluto.

Agora podemos nos aproximar do significado do Homem, do Logos Universal, o Homem Perfeito, a Primeira Inteligência, que é a totalidade das expressões, o molde de todas as manifestações, e assim o Campo Morfogenético contendo a totalidade dos potenciais da Essência na Criação, e por isso o espelho e o reflexo através do qual o Absoluto pode contemplar a si mesmo.

Mas, por mais que as Inteligências pré-existam e cada manifestação seja a permissão de cada Campo Morfogenético existir, é a consciência que as ilumina, que confere luz a cada espelho. E este é nosso propósito, realizar a consciência, iluminar cada um dos moldes em direção à realização da Perfeição.

Neste processo realizamos uma segunda tríade. Na primeira que descrevemos, temos uma tríade descendente que separa o que era uno para tornar possível a expressão da Beleza, Perfeição e Misericórdia Divina através da Criação. Nesta segunda tríade temos um processo ascendente, onde continuamos a ter a Essência como elemento passivo e o Campo Morfogenético como ativo, mas a força neutralizante será a consciência, que integra e une o que estava separado, numa trajetória de retorno da Essência e da Presença numa união que é, neste momento, consciente de si. Assim cumprimos o propósito da Criação como foi dito por Deus a Maomé: “Eu era um tesouro oculto, e amei ser conhecido, por isso fiz a Criação”².

Precisamos estar cientes que todas as descrições destes processos são alegóricas, pois nunca haverá linguagem capaz de transmitir tais conceitos. Sendo assim, a própria separação aqui é simbólica, pois não pode haver separação quando toda a Criação, e aquilo que ela não é capaz de conter, são expressões de um Único Ser. Mas através da realização do Homem, aqui em sua real dimensão, esta Infinita Perfeição pode tomar consciência de Si. Ibn Arabi expressa este conceito desta maneira: “Deus desejava contemplar sua própria Essência que, abençoada com a existência, resumisse a Vontade divina para que Ele pudesse manifestar Seu Mistério para Ele mesmo. Pois a visão que um ser tem de si, não é a mesma que uma outra realidade buscaria Dele, e que ele usa para si mesmo como espelho”. E ainda assim, o espelho e aquele que o contempla são eternamente um.

É papel das Escolas do Trabalho dar ao homem os meios para realizar seu propósito, possibilitando a sintonia e projeção de sua consciência em Campos e Presenças cada vez mais elevados e abrangentes da expressão da Essência Divina. Mas, para iniciar tal trajetória é necessário, primeiramente, questionarmos a estrutura vigente que rege nossas vidas e nos confere nossa identidade e, portanto, o modo como sentimos a nós mesmos. Esta estrutura é a personalidade, e o ego é nossa identificação e apego a estes valores.

Após os estudos e práticas iniciais que visam este questionamento, o trabalho tenta despertar uma nova estrutura que seja capaz de fornecer um novo modo de sentirmos a nós mesmos. E este modo deve ser o mais simples e puro possível, isento de qualidades, associações e julgamentos, portanto mais abrangente, tentando nos aproximar da recordação de nossa sensação primordial essencial. Este novo estado que surge a partir do treinamento da atenção como ferramenta da consciência, que agora é capaz de nos fornecer

² Corão

uma sensação de ser que busca sintonizar-se à Essência, desidentificando-se do apego ao ego, chamamos de Presença. Assim contemplamos os mesmos conceitos dentro da perspectiva de nossa trajetória pessoal, onde a Essência terá uma expressão na dimensão humana possibilitando nosso potencial de crescimento, e o desenvolvimento de nossa consciência e vontade serão nossa presença, que irá expandir-se à medida que for moldando e expressando as potencialidades da Essência. E este processo irá transformando nosso ser, nosso modo de sentir a nós mesmos e, portanto, a perspectiva através da qual contemplamos a vida e a Criação. Esta capacidade de nossa presença em moldar-se e transformar-se na medida em que se expande, chamamos de morfologia de Presença. Mas para o desenvolvimento destes estados e capacidades será necessária a introdução de outra técnica chamada de imaginação ativa, que torna possível o trabalho dentro da dimensão do Mundo Imaginal, onde as experiências supra-sensórias ocorrem. Esta é uma das dimensões por onde trafega nossa consciência e presença em sua trajetória de expansão. Lembremos que todas as tradições afirmam, e as trajetórias pessoais confirmam, que esta realidade de consenso que percebemos com os órgãos de sentido de nosso corpo e traduzimos através dos conteúdos de nossa personalidade, corresponde ao nível mais baixo de expressão do que chamamos Realidade, que é a totalidade dos potenciais

Nossa responsabilidade é expandir esta consciência ao explorar e incorporar as infinitas expressões da Presença e da Essência. Assim, precisamos expandi-la para outras formas de expressão, outros campos morfogenéticos. Neste processo nossa própria forma vai se modificando, transformando e expandindo, pois nossa forma não é mais exclusivamente a expressão física de nosso corpo, mas nossa sensação de ser projetada pela consciência que somos capazes de expressar. E ela pode, como dissemos anteriormente, ser ou identificar-se com algo material e denso como um corpo, um detalhe, um fenômeno, ou ser toda a Criação. E neste processo, o Trabalho introduz a criação dos corpos superiores como veículos de nossa consciência, como novos modos de ser e sentir a nós mesmos. Cada um deles é o veículo adequado para exploração e aquisição de conhecimento em cada nível de nossa trajetória, em cada dimensão do Raio de Criação, projetando nossa consciência nos diversos Campos e Presenças que formos capazes de nos aproximar.

Cada dimensão do Raio de Criação é um Campo morfogenético, uma Inteligência, e em cada uma delas estão contidos diversos campos menores que representam as diversas idéias, inteligências ou presenças, conceitos, emoções, arquétipos, experiências ou anjos, dependendo de qual dimensão estamos acessando e o vocabulário de qual tradição estamos utilizando. Mas todas são organizações e moldes específicos da energia e informação absoluta da Essência, contendo um conhecimento, uma forma e uma função que é sua própria realidade, sendo expressão de algo que lhe é anterior, e sendo expressa por algo que a sucede neste fluxo eterno da Vontade Divina através do Raio de Criação.

Assim como o Absoluto criou projetando sua Vontade e sua Presença sobre sua própria Essência conferindo forma à sua manifestação, da mais elevada e sublime, portanto maior e mais abrangente, até a menor e mais densa, nós devemos retornar à unidade da qual partimos. Pois partimos da Essência, imersos e inconscientes na unidade e indiferenciação essencial, em direção à unidade consciente, que agora contempla a Presença e participa do processo criativo ao integrar estes dois aspectos do Absoluto, que através da consciência expressamos de uma maneira única, e através da qual Ele contemplará a si mesmo e sua Criação a partir de nossos olhos. Assim, cada um de nós é uma expressão única do

Absoluto, que poderá ver a si mesmo de uma perspectiva que nem um outro ponto da Criação pode conferir, se nós conseguirmos realizar esta consciência. Isto se assemelha à história da queda do Paraíso, onde o Homem e a Mulher têm de comer do fruto do conhecimento para serem expulsos da dimensão passiva na qual existiam, e tornar possível a criação da consciência e o retorno a Deus, mas agora contendo toda a Criação. Retornar, não só como Adão, o homem primordial, mas como o Cristo Cósmico, o Logos Universal, ou a Luz de Maomé, *Insan il-Kamil*, o Homem Perfeito, protótipo de toda a Criação. Assim como Eva foi criada de Adão, e sendo parte dele, é para ele um espelho e vice-versa, por isso o ensinamento de Cristo: “Amai ao outro como a si mesmo”, pois é o outro que nos mostra a nós mesmos. O outro em sua dimensão maior representa não só as pessoas, mas nossa própria Vida, através da qual conhecemos a nós mesmos. Da mesma maneira, a Criação é expressão do Absoluto e, portanto, um espelho através do qual Ele pode contemplar-se. Mas é responsabilidade do Homem conferir consciência a este reflexo.

Com a prática, temos a possibilidade de projetar nossa consciência e adquirir esta forma, como se fôssemos reconstruindo, ou co-criando a Criação através da realização da consciência em cada um destes moldes. Mas este não é um processo exclusivo, pelo contrário, nós vamos acrescentando, englobando e incluindo as diversas manifestações e expressões da Presença do Absoluto, manifesta através da Essência. Assim, vivemos nossa vida, andamos pelas ruas e cada pequena coisa é uma expressão única da Vontade, Beleza e Perfeição Divina. Mas não vivemos apenas com nossos corpos e nossos sentidos. Vivemos diversas formas, contemplamos diversas dimensões por diversas perspectivas, e sentimos a nós mesmos do tamanho que nossa consciência for capaz de expandir. Nossa contemplação da Criação, a perspectiva através da qual a contemplamos, é a mesma com que contemplamos a Deus, e a mesma através da qual Ele contempla a si mesmo, aqui e agora.

Autoria: www.imagomundi.com.br